

Gaston Bachelard e José Américo: Caminhos da Imaginação para a Realização do Impossível

Gaston Bachelard et José Américo : des chemins d'imagination pour réaliser l'impossible

Marly BULCÃO
UERJ.

E-mail: marlybu@uol.com.br

Resumo:

O objetivo deste trabalho é de revisitar dois filósofos contemporâneos, cujas ideias sobre a noção de imaginação são muito próximas. O primeiro é um pensador francês, Gaston Bachelard, de importância inegável. O outro, José Américo Pessanha, é um pensador brasileiro que em seus cursos e conferências, deixava entrever nas entrelinhas, o ensinamento de suas próprias ideias filosóficas. Os dois filósofos renovam a noção de imaginação, apoiando-se na crítica à tradição filosófica. Mostram que a imaginação não pode ser compreendida como simulacro do real percebido, pois isto faria com que esta fosse menosprezada diante da percepção e da ideia. José Américo propõe, então, para corroborar esta tese três exercícios de imaginação, retomando para isso a cosmogonia de Empédocles, analisando depois o quadro de Bosch "A tentação de Santo Antão" que mostra o mundo às avessas e, retomando, por último, o livro de Umberto Eco procura mostrar que as imagens delirantes que não respeitam a sintaxe natural e ordenada do mundo não são frutos do mal e do pecado de dar asas à imaginação, mas, ao contrário, são resultado de uma hilaridade que provoca o riso e a alegria.

Palavras chaves: Bachelard, José Américo, imaginação, surrealidade.

Resumé:

Le but de cet article est de revisiter deux philosophes contemporains dont les idées sur la notion d'imagination sont très proches. Le premier est un penseur français, Gaston Bachelard, dont l'importance est indéniable. L'autre, José Américo Pessanha, est un penseur brésilien qui, dans ses cours et conférences, a laissé entre les lignes l'enseignement de ses propres idées philosophiques. Les deux philosophes renouvellent la notion d'imagination en critiquant la tradition philosophique. Ils montrent que l'imagination ne peut être comprise comme un simulacre du réel perçu, ce qui la rendrait moins importante que la perception et l'idée. José Américo propose ensuite trois exercices d'imagination pour corroborer cette thèse, en reprenant la cosmogonie d'Empédocle, puis en analysant le tableau de Bosch "La tentation de Saint Antoine", qui montre le monde à l'envers, et enfin en reprenant le livre d'Umberto Eco. Ce dernier tente de montrer que les images délirantes qui ne respectent pas la syntaxe naturelle et ordonnée du monde ne sont pas le fruit du mal et du péché de donner des ailes à l'imagination, mais au contraire sont le résultat d'une hilarité qui provoque le rire et la joie.

Mots Clé : Bachelard, José Américo, imagination, surreauté.

O trabalho que vamos apresentar traz à cena Gaston Bachelard como também um pensador brasileiro importante: José Américo Motta Pessanha, cujas ideias marcaram bastante a década de sessenta no Brasil, período em que predominou a ditadura militar em nosso país.

José Américo dizia preferir o discurso oral ao escrito por ser mais vivo e presente e, por isso, deixou poucas publicações, somente algumas conferências, para as quais foi convidado, assim como aulas que foram gravadas. Conheci Jose Américo no curso de graduação, em filosofia, pois foi meu primeiro professor de filosofia e anos depois foi meu orientador de doutorado. Pude perceber nas entrelinhas de suas aulas que havia uma filosofia própria que procurava transmitir. Nesse sentido, acalentei, durante minha vida o sonho de escrever sobre suas ideias. Consegui este ano realizar este projeto juntamente com o pesquisador Marcelo de Carvalho, após dois anos de trabalho intenso que resultou no livro: ***Filosofia como Indisciplina: José Américo, Professor Filósofo***, cujo lançamento está previsto para setembro na livraria Argumento no Rio de Janeiro.

Neste trabalho, vamos nos deter apenas um dos textos inéditos de Jose Américo que tem por título *Imaginação: iconoclastas e idólatras*. O intuito é discutir a questão da imaginação como possibilidade de criar um mundo novo e, assim, realizar o impossível, procurando mostrar, a proximidade de ideias que existe entre José Américo e Gaston Bachelard.

Bachelard, enquanto epistemólogo, considera que a imaginação se impõe como obstáculo à objetividade da ciência. Para ele, a ciência é um campo minado e, nesse sentido, torna-se necessário extirpar os obstáculos epistemológicos que, penetrando no interior do saber científico, comprometem seu caráter objetivo. Aponta, pois, as imagens como perniciosas à racionalidade da ciência, lançando na obra *A formação do espírito científico* seu brado de guerra: *O espírito científico deve lutar incessantemente contra as imagens, as analogias, contra as metáforas.*¹

No mesmo ano, Bachelard escreve *A psicanálise do fogo*, no qual começa afirmando a necessidade de afastar as imagens do fogo para que se possa ter um conhecimento objetivo e científico desse elemento, mas no meio do livro cede à sedução das imagens e da imaginação, mergulhando a partir daí nos textos poéticos e trilhando um novo caminho, volta-se para o imagético, fazendo uma filosofia da água, da terra, do fogo e do ar.

O enfoque bachelardiano da imaginação é inovador e original, pois o filósofo francês considera que a imagem deve ser abordada por um enfoque estético bem diferente da tradição filosófica e da

¹ BACHELARD, G. *La formation de l'esprit scientifique*, Paris PUF, p. 38.

psicologia que a estudava através da teoria do conhecimento, o que levava a depreciação da imagem, privilegiando a percepção por sua presença forte e a ideia por ser o caminho de se chegar à verdade.

Bachelard, partindo do princípio de que a verdadeira imagem não é uma reprodução do real percebido, mas sim um acontecimento objetivo, integrante de uma imagética, um evento de linguagem, conclui que a imaginação é autônoma e livre, tendo a potência de inventar um mundo novo, uma outra realidade, uma surrealidade.

Pode-se dizer que a perspectiva bachelardiana se assemelha a dos surrealistas. De um lado, temos Breton que diz:

Não permitir que ela (a imaginação) seja reduzida à escravidão, mesmo que se corra o risco da loucura, mesmo que esteja em jogo o que chamamos de felicidade(...) Trata-se de remontar às fontes da imaginação poética, mais ainda, de se ater a elas.²

De outro lado, temos Bachelard que ressalta em *L'eau et les rêves*, “a imaginação inventa mais que as coisas e os dramas, ela inventa a vida nova, ela inventa o espírito novo; ela abre os olhos que têm novos tipos de visão”.³

É preciso, entretanto, afirmar que apesar das semelhanças entre a concepção de imaginação do movimento surrealista e de Bachelard, há também algumas distinções que não podem deixar de ser consideradas. A principal delas é que, para os surrealistas a imaginação ousada e sem regras que caracteriza suas obras pode ser explicada pelos sonhos noturnos, enquanto para Bachelard, ao contrário, a imaginação é, como vimos, autônoma e livre, nada a determina e, portanto, não pode ser compreendida a partir dos sonhos da noite ou dos desejos inconscientes. Nesse sentido, pode-se dizer que, para o filósofo francês, a imaginação escapa das determinações da psicologia e da psicanálise. Bachelard se “despsicanaliza”, privilegiando o que denomina de *rêve éveillé* (sonho acordado) ou devaneio, o que o afasta completamente do movimento surrealista.

Em sua obra *A poética do devaneio*, introduz a noção de *cogito do sonhador* que reforça ainda mais a distinção entre sonho noturno e devaneio. No sonho da noite, o sujeito perde seu ser, sendo, portanto, um sonho “sem ser”. Mas, no sonho acordado o sujeito permanece na posse de si mesmo e, afastando-se do mundo ordenado de objetos se entrega ao delírio imagético, vivenciando o prazer da criação.

Chega-se, então, a conclusão de que tanto Bachelard como os surrealistas pretendem a desrealização do mundo percebido com o intuito de criar uma surrealidade, mas é preciso reconhecer os pontos de vista diferentes sobre a forma como se dá a desrealização. Conclui-se, então, que a proximidade entre Bachelard e o movimento surrealista está no fato de ambos mostrarem que a imaginação pode

² BRETON, André ; *Manifesto Surrealista*, Paris, p.35

³ BACHELARD, G. *L'eau et les rêves*, Paris, José Corti, 1997, p. 24

ultrapassar as barreiras do que consideramos como realidade, ou seja, a imaginação e, no caso, a verdadeira arte constrói um mundo novo, através da desrealização do mundo percebido. Bachelard, admite, porém, que durante o processo de afastamento do real percebido, o sujeito é reconduzido a si mesmo, a sua intimidade, a seus sonhos e a seus delírios.

Retomando o texto *O pintor solicitado pelos elementos* que faz parte do livro *O direito de sonhar*, pode-se ver com clareza em que sentido a imaginação se manifesta como criadora de um mundo surreal. Embora se saiba que Bachelard privilegia a arte da literatura, nesse texto, o filósofo exalta a pintura, afirmando que *nenhuma arte é tão diretamente criadora, manifestamente criadora quanto a pintura*.⁴ Prosseguindo em sua escrita, o filósofo mostra em que sentido a cor é, para o pintor, o que denomina de força criante.

Em sua argumentação, retoma dois quadros de Monet que representam de forma diferente a catedral de Rouen. O intuito é mostrar como o pintor consegue desconstruir o real, criando, através da autonomia imagética, catedrais bem distintas que nos provocam emocionalmente, fazendo-nos compartilhar com o pintor, o prazer da criação de um mundo novo.

Diz Bachelard que, um dia, Monet quis que a catedral de Rouen fosse verdadeiramente aérea. Tomou, então, da bruma a matéria azul - fazendo com que no seu quadro as duas torres tremessem com todos os tons de azul, dando a impressão, para aquele que contemplasse o quadro que a catedral possuía asas que ondulavam no ar. Escreve que *de um mundo imóvel de pedras, o pintor fez um drama da luz azulada*.⁵

Afirma que, num outro, dia Claude Monet se viu envolvido por outro sonho e quis, então, que a catedral absorvesse em suas pedras o ocre do sol poente, fazendo com que em outra tela a catedral expressasse um astro ruivo *ardendo apenas um pouco, como fogo bem guardado nas pedras de uma lareira*.⁶

Bachelard deixa claro, pois, que o pintor, no caso Monet, seguindo sua inspiração consegue criar, através de sua arte, catedrais diferentes daquela que apreendemos pelo olhar, fazendo surgir uma nova realidade de beleza inigualável e que nada tem a ver com o real por nós percebido.

Tive a oportunidade de ver, uma vez em Chicago, uma exposição que mostrava, numa sala arredondada, o conjunto de telas de Monet que expressavam diferentes catedrais de Rouen, um mundo surreal, criado pela genialidade do pintor impressionista. Foi, para mim, uma experiência deslumbrante. Saí da exposição convencida da potencialidade criativa da imaginação. A minha conclusão, neste dia, foi que a imaginação é capaz de criar uma realidade que não existe, ou seja, é capaz de realizar o impossível.

Bachelard resgata a importância da imaginação, sua índole de instaurar o novo, através de um processo de criação. A função imagética não é, pois, a de reproduzir o real, mas sim concretizar através

⁴ BACHELARD, G. *Le peintre sollicité par les éléments* In *Le droit de rêver*, Paris PUF, p. 26.

⁵ BACHELARD, G. *Le peintre sollicité par les éléments* In *Le droit de rêver*, Paris PUF, p. 26.

⁶ BACHELARD, G. *Le peintre sollicité par les éléments* In *Le droit de rêver*, Paris PUF, p 28-29.

de imagens uma surrealidade. Para reforçar isso, podemos relembrar um quadro famoso de Dali que é a pintura de um relógio. Neste quadro, o relógio pintado por Dali não é de forma alguma, o mesmo que apreendemos pelos sentidos, o relógio da pintura de Dali é o resultado da coragem e ousadia, que caracterizam o artista e o levam a assumir a luxúria fecundante e inovadora do devaneio, de um devaneio que resulta da imaginação eminentemente criadora, da imaginação que, se libertando dos sentidos, deixa de ser simplesmente memória, da imaginação que inventa um mundo novo.

Admitindo, pois, que a imagem, para Bachelard, não é considerada uma reprodução do real percebido, mas, ao contrário inventa um mundo surreal, somos levados a concluir que a noção bachelardiana de imaginação exalta o irreal em detrimento do real, o impossível em detrimento do possível.

Devemos, pois, aceitar o convite que nos faz Bachelard para viver as imagens nelas mesmas, em sua realidade imaginária, pois só assim, vamos conseguir nos libertar da opressão dos objetos do mundo, do determinismo, da memória e do psicologismo.

Antes de passar às reflexões de José Américo sobre a imaginação, gostaria de falar um pouco do professor-filósofo, cuja concepção de imagem, herdada de Bachelard também tem como princípio primordial o ato de criação.

José Américo teve sua trajetória acadêmica interrompida, pois foi cassado e afastado da universidade por ocasião do golpe militar de 1964. Mudou-se, então, para São Paulo, onde assumiu a direção de um setor da Editora Abril Cultural. Organizou e publicou, então, a ***Coleção Os Pensadores*** que apresenta os textos mais importantes dos pensadores da História da Filosofia. Esta coleção, além de ser importante como estudo do pensamento que começa com os gregos e chega aos dias atuais, teve a grande vantagem de fazer com que este conhecimento se tornasse acessível a um público muito mais amplo, pois era vendida a um preço módico nas bancas de jornal. É importante acrescentar que, nesta época, era muito difícil para os estudantes brasileiros terem acesso aos textos filosóficos, pois além de muito caros, nem todos eram vendidos nas livrarias do Brasil. José Américo, além de organizar a coleção com uma equipe de filósofos especializados, conseguiu que fossem feitas excelentes traduções e escreveu a apresentação de vários pensadores, inserindo-os em seu contexto social, através de textos muito bem elaborados de história da filosofia desde a Grécia Antiga até à atualidade. Como se dizia na época, José Américo trouxe a filosofia para as bancas de jornal.

Voltando-nos para a concepção de imaginação de Jose Américo, vamos retomar seu texto intitulado: *A imaginação: iconoclastas e idólatras*⁷ que começa com um alerta importante, pois ressalta que é

⁷ Trata-se de um texto inédito de José Américo Pessanha que me foi doado por sua família e que deverá sair em outro livro que estou escrevendo.

preciso abordar a questão da imaginação com cautela para não se cair na cilada de preconceitos filosóficos, psicológicos e teológicos, pois estes levam à deformação e, até mesmo, ao aniquilamento do que a imagem tem de mais peculiar. As teorias sobre a imagem acabam, muitas vezes, por reduzi-la aos requisitos da racionalidade, falseando, assim, seu próprio sentido. Escreve José Américo:

Na verdade, as teorias sobre a imagem tendem a fazer a redução da imagem, quer à coisa de que ela seria a representação, a cópia, o fantasma, quer ao conceito que ao explicitar o sentido nela latente, enquanto germe ou esboço, proclama – e então com plenitude – o que ela mesma apenas balbucia ou sugere.⁸

Jose Américo mostra no texto que os **pensadores iconoclastas** desvalorizam a imaginação, enquanto os *pensadores idólatras*, ao contrario, exaltam o ato de imaginar, sugerindo que abordemos a imagem em si mesma, no que ela tem de peculiar, penetrando, assim, no seu âmago. Dessa forma, os **pensadores idólatras** procuram evitar a cilada reducionista que busca a causa ou aquilo que determina o aparecimento da imagem e, neste sentido, conseguem apreender o que há de singular na imagem e na imaginação.

Para o filósofo brasileiro, a imagem, por ser de índole *dionisiaca*, desconhece fronteiras, alimentando-se da desmesura e da transgressão rumo a uma potencialidade sem limites. E preciso ressaltar também que a imaginação se contrapõe à natureza *apolínea* da razão e a sua imagética ensolarada de tipo matemático que busca esclarecê-la através de símbolos. A imagem como evento de linguagem é autônoma, nada a determina e não pode, assim, ser explicitada por algo que lhe é exterior.

Jose Américo propõe no texto três exercícios de imaginação que podem ajudar na compreensão do verdadeiro sentido de imaginação, assim como podem evidenciar seu aspecto inventivo e criador.

Para o **primeiro exercício de imaginação** retoma o pensador grego Empédocles, poeta, filósofo, médico e político que viveu no século V a.C. político. Sua concepção filosófico–científica sobre a origem e organização do cosmos, mostra que são quatro as raízes que regem a origem e a transformação do cosmos: água, terra, ar e fogo.

Conforme mostra o filósofo grego, as raízes são princípios imóveis em si mesmas, mas duas forças *Philia* (Amor) e *Neikos* (Ódio) agem sobre estas produzindo transformações. *Philia* age pela atração, unindo as raízes quando estas estão separadas, formando um *Todo absoluto*, enquanto, *Neikos* age, por repulsão, fazendo com que este *Todo* comece a se separar até formar novamente as quatro raízes. O cosmos existe nas etapas intermediárias deste ciclo, ou seja, entre as duas situações extremas, nas quais domina o Amor ou o Ódio. Dessa forma, o cosmos está em continua transformação e a situação presente do mundo é, portanto, o um estágio passageiro de uma sequência cíclica que conhece variadas

⁸ PESSANHA, José Américo. *A imaginação: iconoclastas e idólatras*, Texto inédito.

configurações. O que faz com que as espécies não sejam fixas como pretende Aristóteles, mas estão em permanente mutação. Voltemo-nos para as palavras do próprio José Américo:

Graças à imaginação temos, então, acesso à saurrealidade, sustentadora da restrita realidade instituída. E é quando se pode supor o anti-cosmos como um pré-cosmos, a “ordem natural” como restrição da desordem primígena, do caos riquíssimo, infinito.

Conforme mostra o professor-filósofo deve-se, pois entender desse modo que Empédocles se revele como o filósofo-poeta que pinta quadros surrealistas ao dizer, referindo-se às fases anteriores do cosmos: *Sobre ela (a Terra) nasceram muitas cabeças sem pescoço e braços erravam nus privados de ombros. Olhos vagavam, desprovidos de fronte* ou então quando afirma: *Membros solitários vagavam, procurando se unir.*⁹ (Diels-frag. 57)

Mais um fragmento do poema empedocleano *Sobre a Natureza* mostra bem isso:

Muitas criaturas nasceram com rostos e peitos olhando para diferentes direções; algumas, progenituras de bois com rostos de homens, enquanto que outros, ao contrário, vinham ao mundo, progenitura de homens com cabeças de bois, e criaturas, nas quais a natureza dos homens e das mulheres estava misturada, dotadas de partes estéreis.¹⁰ (Diels- frag.61)

Pode-se, então, concluir que as situações primeiríssimas, **pré-cosmos** ou as situações derradeiras, **pós-cosmos** escapam à nossa apreensão que é limitada à etapa atual da existência do cosmos. Mas podem ser resultado da imaginação que, revelando-se como *mitopoiésis*, consegue tecer uma narrativa cosmogônica, além de inventar mitos escatológicos sobre o fim da humanidade. José Américo conclui o primeiro exercício de imaginação com as palavras:

(...) somente a imaginação, abrindo amplamente suas asas, pode ir além do que é captado pelos sentidos e esquadrihado pela razão, sondando o irreal, não enquanto inexistência, mas enquanto positividade, como matriz e sustentáculo do próprio real.

Passemos, então, ao **segundo exercício de imaginação**, proposto por José Américo, no qual ele retoma, para sua análise o quadro de Bosch: *As tentações de Santo Antônio*.

Bosch nasceu numa província da Holanda em 1450 e, considerando sua extraordinária obra pictórica foi mais ligado ao espírito religioso da Idade Média do que ao humanismo renascentista. O quadro boschiano, por ser uma obra da sua maturidade, revela o apogeu da força criadora do pintor. Em suas aulas, quando refletia sobre a noção de imaginação, José Américo costumava sempre mostrar uma foto do quadro de Bosch que ia passando de mão em mão pelos alunos a fim de compreendermos o

⁹ EMPÉDOCLES, *Sobre a Natureza*, frag. 57

¹⁰ EMPÉDOCLES, *Sobre a Natureza*, frag. 61

sentido de imaginação criadora e imaginante. Não existia, na época, os recursos tecnológicos atuais que facilitam apresentar as pinturas através de projeções.

O quadro de Bosch apresenta seres constituídos em desrespeito às regras da natureza, seres híbridos formados por partes provenientes de espécies diversas, às vezes metade objeto e metade animal e, até mesmo objetos estranhos como barcos voadores. É na verdade, um imaginário delirante que procura expressar um universo desregrado, desnaturado, surreal, impossível.

O crítico de arte Charles Tolnay refere-se ao quadro como sendo a expressão de um espaço mágico, onde não existe a força da gravidade, o que faz com que os objetos pareçam estar se atraindo entre si. No centro, pode-se ver imagens oníricas que são elementos da paisagem, imersos numa atmosfera irreal. No painel esquerdo, percebe-se uma imagem estranha que mostra Santo Antão carregado no ar por um medonho sapo alado. Do lado esquerdo vê-se uma desordem imensa, representada por barcos que naufragam no mar, enquanto numa montanha ao lado, arde uma enorme tocha de fogo que ameaça a paisagem. Na terra estão figuras disformes, desproporcionais e nas costas de um gigante, está uma colina plácida.

Para José Américo, no quadro boschiano, a imaginação se impõe como desmesura, irreverência e entregue a si mesma, num ato de liberdade realiza o impossível, desconstruindo a sintaxe do mundo.

Mas o professor-filósofo brasileiro, encaminhando-se para a discussão do **terceiro exercício de imaginação**, retoma uma interpretação da pintura de Bosch que vêem no quadro uma expressão do mal, afirmando que o mundo estranho e desregrado que este expressa é uma tentação satânica que mostra diante de Santo Antão. Discordando dessa interpretação, José Américo levanta a seguinte questão: *Enquanto criadora, ao recusar a ordem instituída supostamente natural e divina, a imaginação seria necessariamente expressão do império da desordem e do mal?*

José Américo propõe, então, uma leitura de Bosch ao avesso, retirando-lhe toda conotação de maldade, propõe uma interpretação que procure ver no quadro a afirmação da criatividade humana. Para isso retoma o livro *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, referindo-se a uma cena importante quando o *religioso inglês franciscano* que investiga os crimes da abadia chega, no lugar do último crime, olha para a mesa de Adelmo, o monge que tinha sido assassinado e vê desenhos que reproduzem um mundo às avessas semelhante ao do quadro de Bosch. William, o *inglês franciscano*, seu auxiliar Watson e todos os monges da sala, ao contemplarem estes desenhos delirantes que contraria tudo que percebemos pelos sentidos, começam a rir.

Conforme mostra José Américo, o efeito produzido pelo imaginário desenfreado de Adelmo não têm moralismo nenhum, pois, em vez dos monges da sala associarem as imagens ao medo, ao arrependimento ou à culpa, o que acontece é que tais imagens provocam o riso, um riso divertido que é

associado à alegria. Daí a conclusão de José Américo é que a imaginação inerente ao desenho de Adelmo é uma imaginação livre que instaura novas sintaxes heréticas do mundo, que conduzem necessariamente à hilaridade. E, neste sentido, estas imagens são banhadas de salutar e libertadora alegria.

Para o monge bibliotecário que considera o riso como pecado as imagens do desenho de Adelmo constituem um discurso mentiroso, pois, ao mostrar um mundo de cabeça para baixo que está desrespeitando os lugares naturais defendidos por Aristóteles, é uma negação do plano e da obra de Deus para o mundo.

Como vimos, os dois filósofos contemporâneos, Gaston Bachelard e José Américo Pessanha exaltam a imaginação autônoma, inovadora e original que se institui como liberdade, uma liberdade que permite à humanidade a transgressão de se afastar do mundo percebido pelos sentidos e criar, através de imagens um mundo novo e surreal.

Para ambos, através da imaginação irreverente que, às vezes provoca o riso, mergulhamos, pois, no mundo dos poetas, dos pintores, dos artistas, lançando-nos no jogo dinâmico e inovador do imaginário, sentindo o gozo inebriante de dar vida e realidade ao impossível.



BULCÃO, Marly. Gaston Bachelard e José Américo: Caminhos da Imaginação para a Realização do Impossível. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.3, 2024, eK24067, p. 01-9.

Recebido: 08/2024

Aprovado: 09/2024